

Revisão da literatura: estudos sobre pessoas transgêneros e masculinidades no Brasil

Literature review: studies on transgender people and masculinities in Brazil

Revisión de literatura: estudios sobre personas transgénero y masculinidades en Brasil

Recebido: 25/03/2023 | Revisado: 04/04/2023 | Aceitado: 06/04/2023 | Publicado: 11/04/2023

Adelaide Suely de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5371-5769>

Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

E-mail: suelyoliveiras@gmail.com

Mariana Olívia Santana dos Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2129-2335>

Fundação Oswaldo Cruz, Brasil

E-mail: mariana.santos@fiocruz.br

Diego Paz

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7575-4101>

Université Paris 1 - Panthéon Sorbonne, Département de Sociologie, França

E-mail: Diego.Paz@Univ-Paris1.Fr

Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0503-1477>

Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

E-mail: cristina.amazonas@unicap.br

Resumo

Desde 2012 observa-se no Brasil uma crescente visibilidade dos homens trans na mídia e movimentos sociais. Mas os estudos sobre transmasculinidades são praticamente inexistentes e os homens trans parecem ter menos visibilidade que as transexuais femininas. Este artigo visa analisar estudos sobre pessoas transgêneros e masculinidades no Brasil. Trata-se de revisão narrativa da literatura em bases de dados científicas brasileiras. Identificou-se 10 publicações entre 2018 e 2021 que foram descritas e analisadas segundo categorias temáticas identificadas. Como estratégia metodológica delineamos um panorama dessa produção científica. Os resultados demonstram uma diversidade nas áreas de pesquisa, bem como na formação e atuação dos autores. Discutiram-se temáticas identificadas: pensamento suicida; disforia de gênero; masculinidades performativas; performatividade; homo/transfobia e corpo abjeto; transgeneridade masculina; processo transexualizador e a luta pela despatologização; transexualidade e mídias sociais e, produção de masculinidades. Conclusão: Os estudos analisados passeiam por uma diversidade de áreas e categorias distintas, tendo como fio condutor a pesquisa sobre pessoas trans com enfoque na transexualidade masculina. Entendemos ser relevante que o tema esteja inserido nas mais diversas áreas de pesquisa, passando pela saúde, educação, comunicação e ciências humanas e aplicadas, o que demonstra a importância e atualidade dos estudos sobre identidade de gênero.

Palavras-chave: Pessoas transgênero; Homem transexual; Masculinidades; Performatividade de gênero; Teoria queer.

Abstract

Since 2012, a growing visibility of trans men in the media and social movements has been observed in Brazil. But studies on transmasculinities are practically non-existent and trans men seem to have less visibility than female transsexuals. This article aims to analyze studies on transgender people and masculinities in Brazil. This is a narrative review of the literature in Brazilian scientific databases. We identified 10 publications between 2018 and 2021 that were described and analyzed according to identified thematic categories. As a methodological strategy, we outlined an overview of this scientific production. The results demonstrate a diversity in the research areas, as well as in the formation and performance of the authors. Identified themes were discussed: suicidal thoughts; gender dysphoria; performative masculinities; performativity; homo/transphobia and abject body; male transgenderism; transsexualization process and the struggle for depathologization; transsexuality and social media and production of masculinities. Conclusion: The analyzed studies cover a variety of different areas and categories, having as a guiding principle the research on trans people with a focus on male transsexuality. We understand that it is relevant that the theme is inserted in the most diverse areas of research, including health, education, communication and human and applied sciences, which demonstrates the importance and relevance of studies on gender identity.

Keywords: Transgender people; Transgender man; Masculinities; Gender performativity; Queer theory.

¹ Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Resumen

Desde 2012, ha habido una creciente visibilidad de los hombres trans en los medios y movimientos sociales en Brasil. Pero los estudios sobre transmascunidades son prácticamente inexistentes y los hombres trans parecen tener menos visibilidad que las mujeres transexuales. Este artículo tiene como objetivo analizar los estudios sobre personas transgénero y masculinidades en Brasil. Esta es una revisión narrativa de la literatura en bases de datos científicas brasileñas. Se identificaron 10 publicaciones entre 2018 y 2021 que fueron descritas y analizadas según categorías temáticas identificadas. Como estrategia metodológica, se esboza un panorama de esta producción científica. Los resultados demuestran una diversidad en las áreas de investigación, así como en la formación y actuación de los autores. Se discutieron los temas identificados: pensamiento suicida; disforia de género; masculinidades performativas; performatividad; homo/transfobia y el cuerpo abyecto; hombre transgénero; proceso de transexualización y lucha por la despatologización; transexualidad y producción en redes sociales y masculinidad. Conclusión: Los estudios analizados abarcan diversidad de áreas y diferentes categorías, teniendo como guía la investigación sobre personas trans con enfoque en la transexualidad masculina. Creemos que es relevante que el tema se inserte en las más diversas áreas de investigación, incluyendo la salud, la educación, la comunicación y las ciencias humanas y aplicadas, lo que demuestra la importancia y pertinencia de los estudios sobre identidad de género.

Palabras clave: Personas transgénero; Hombre transgénero; Masculinidades; Performatividad de género; Teoría queer.

1. Introdução

Desde 2012 observa-se no Brasil uma crescente visibilidade dos homens trans nas diversas mídias e nos movimentos de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Pessoas Trans e Travestis (LGBT). Mas os estudos sobre transmascunidades no Brasil são praticamente inexistentes e os homens trans parecem ter menos visibilidade que as transexuais femininas considerando a ampla variedade de estudos sobre travestilidades femininas. Esta questão ganhou mais evidência no país a partir da criação da Portaria nº 2.803 de 19 de novembro de 2013, que redefine e amplia o processo transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS).

A transexualidade é, portanto, o desejo persistente de viver, ser lido e ser aceito com o sexo oposto ao que lhe foi assignado no nascimento e baseado na morfologia do sexo congênito. O termo trans*, com asterisco, abarca uma série de identidades não cisgêneras: transexuais, mulheres transgêneras, homens transgêneros, transmascunines, pessoas não binárias, mulheres transexuais e mulheres transgêneras e demais identidades de gênero fora do binômio homem-mulher (Letícia Nascimento, 2021). Várias autoras e autores, como por exemplo, Jaqueline Gomes de Jesus e Hailey Alves (2012), compreendem que aí estariam incluídas também as travestis, sendo, portanto, parte do termo trans*, mas optam por deixar fora do termo guarda-chuva, assumindo uma postura política de afirmação das identidades travestis, como sugere Letícia Nascimento (2021). Portanto, as pessoas cuja autoidentificação de gênero não coincidem com o gênero atribuído compulsoriamente no nascimento tendo como base a morfologia genital externa e o binarismo, são, por assim dizer, transgênero.

Neste artigo, usaremos a palavra cisgênero, comumente abreviada para cis, para aquela pessoa que se reconhece como pertencendo ao gênero que lhe foi compulsoriamente atribuído no nascimento, pelas razões já citadas acima (Beatriz Bagagli, 2018). Como pontua Jaqueline Gomes de Jesus (2012), “cisgênero é um conceito que abarca as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento, ou seja, as pessoas não-transgênero”. O conceito de cisgeneridade pode estabelecer um paralelo crítico ao das transgeneridades, revelando que, apesar de todos os gêneros passarem por um processo de materialização a partir de práticas discursivas sobre o sexo, os corpos cis gozam de um privilégio capaz de colocá-los em uma condição natural como sexo/gênero real, verdadeiro, enquanto as transgeneridades são caracterizadas como uma produção artificial e falseada da realidade cisonormativa. É um conceito político que fala diretamente às pessoas Cis, um chamamento a que se entoeolhem e percebam que seus gêneros são tão artificiais e produzidos quanto são os das pessoas trans* (Letícia Nascimento, 2021, p.97)

Guilherme Almeida (2012) nomeia os homens trans em quatro grupos, de modo a organizar e apresentar alguns matizes do que ele chama de “a complexa aquarela das masculinidades”. O primeiro grupo é formado por aquelas pessoas que não querem um deslocamento total do feminino e permanecem como mulheres por diversos condicionantes – objetivos ou subjetivos – mas que na intimidade usam nomes ou apelidos masculinos, valem-se de características da indumentária masculina e conciliam com outros signos sociais que lhes permitam preservar a identidade feminina. Um segundo grupo é formado por aquelas pessoas que não optam por modificações corporais ou cirúrgicas. Recorrem a recursos culturais para ter a aparência mais próxima com o gênero com o qual se identificam, tais como corte de cabelo, roupas, calçados, uso de apelido no masculino. Um terceiro grupo constrói performances públicas em que os gêneros se misturam, expressando dessa forma a insatisfação com o binarismo de gênero e/ou com a heteronormatividade. Falam sobre o desejo de modificações corporais, inclusive pela ingestão de testosterona, mas não querem se submeter a procedimentos cirúrgicos.

Por fim, Guilherme Almeida (2012) identifica o quarto grupo de indivíduos que são os que fazem e/ou desejam mudanças corporais através da hormonização por testosterona, intervenções cirúrgicas e uso de recursos sociais que lhes identificam como do gênero masculino – roupas, calçados, corte de cabelo, faixas torácicas e próteses penianas de uso público. Essas pessoas buscam também o reconhecimento jurídico do sexo e do nome masculino e em função do processo transexualizador pelo SUS, têm se tornado mais visível na cena pública brasileira.

Fazemos, porém, uma ressalva com base em Jaqueline Gomes de Jesus quando afirma que “todos os seres humanos nascem com um sexo e se tornam alguém de um gênero igual ou diferente desse sexo” (Jesus, 2012, p.11). Não é, portanto, uma especificidade de homens e mulheres trans adequarem os seus corpos para serem externamente o que são internamente. Dizendo de outra forma, todas as pessoas fabricam seus corpos para se adequarem a um gênero, construindo ou reconstruindo esses corpos, iguais ou diferentes do sexo designado ao nascer.

A única condição para que uma pessoa possa ser reconhecida como trans é que se autorreconheça como dissidente do pertencimento de gênero exclusivo que lhe foi imposto no nascimento. Assim, se ela foi compreendida como um homem no nascimento (menino), é preciso que ela não se veja como tal e, sim, como uma mulher (no caso das mulheres trans), ou não se veja exclusivamente como um homem ou como uma mulher (caso de algumas travestis e de pessoas que se consideram como não binárias, por exemplo). A transexualidade é, portanto, o desejo persistente de viver, ser lido e aceito com o sexo oposto ao que lhe foi assignado no nascimento e baseado na morfologia do sexo congênito. Consideramos pessoas trans*, portanto, todas aquelas que desenvolveram identidades discordantes do gênero que lhe foi imposto ao nascer, independentemente de terem um diagnóstico de um profissional de saúde ou de terem realizado modificações corporais biomédicas, ou cirúrgicas, como sintetizou Guilherme Almeida (2018, p. 159-160).

Este artigo visa analisar a literatura específica realizada a respeito dos estudos sobre pessoas transgêneros e masculinidades no Brasil e apresentar as principais evidências encontradas.

2. Metodologia

Trata-se de estudo qualitativo de revisão narrativa da literatura sobre o tema transgêneros e masculinidades no Brasil, para identificar a produção científica atual, identificar suas temáticas e abordagens e contribuir com a consolidação desse campo do conhecimento (Vosgerau & Romanowski, 2014). A pesquisa em base de dados acaba sendo importante pois nos permite explorar quais assuntos tornam-se relevantes para a ciência, porque meio suas informações são organizadas e como acessá-las e discuti-las criticamente (Vosgerau & Romanowski, 2014). Sabemos que as pessoas por trás das bases de dados não são neutras – não há neutralidade na ciência, portanto, existem interesses políticos na publicação da produção científica e estão situados no contexto histórico, social, econômico e cultural (Antônio Carlos Gil, 2008). Este artigo integra a pesquisa de

doutorado “Além da Pele: O corpo de antes e o que se fabrica a cada dia. Memórias, Trama de desejos e Práticas de homens trans.”

Para o levantamento dos estudos utilizaram-se as seguintes bases de dados para busca: Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento Superior (Periódicos Capes), Biblioteca Eletrônica Científica Online (do inglês Scientific Electronic Library (SciELO); Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Portal Regional da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e Portal da Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia Brasil (BVS-Psi Brasil). A BVS reúne informações sobre publicações científicas na área da saúde e a BVS-Psi organiza as publicações na área da psicologia e representa uma estratégia adotada pela BIREME/OPAS/OMS, para promover a cooperação técnica em informação e comunicação científica em saúde, produzida nos países da América Latina e Caribe, registrada, organizada e armazenada em formato eletrônico, acessível de forma universal pela Internet, de modo compatível com as bases internacionais (Ribeiro; 2015).

Inicialmente utilizaram-se os termos: homem transexual, homem trans, trans homens, transmasculinidades, masculinidades trans, pessoas transgênero masculinas. Essas palavras não foram encontradas como descritores. Quando fizemos a busca com a palavra homem transexual, apareceram pessoas transgênero para o descritor em português e homem transexual como termo alternativo, conforme o Quadro 1. Fizemos também a pesquisa usando a palavra masculinidade que apareceu como descritor em português. Usamos então, para esta pesquisa, as palavras pessoas transgênero e masculinidades e para as publicações que deveriam estar disponíveis gratuitamente e na íntegra, em português, inglês ou espanhol. Para o descritor em inglês apareceram as palavras transgender person e para espanhol, personas transgênero.

Quadro 1 - Termos alternativos associados aos descritores pesquisados para revisão narrativa.

Descritor em português	Termos alternativos	Conceitos
Pessoas transgênero	Fa'afafine, Homem Transexual. Homens Trans. Mulher Transexual. Mulher Transgênero. Mulher não genética. Mulheres Trans. Mulheres não Genéticas. Pessoas Trans. Pessoas Transexuais. Pessoas de Duplo Espírito. Terceiro Gênero. Terceiro Sexo. Transexuado. Transexuais. Transexuais Operados. Transexuais Pré-Operados. Transexuais Pós-Operados. Transexuais não Operados. Transexual. Transexual Feminino. Transexual Pré-Op. Transexual Pós-Op. Transgênero. Transgênero. Transvestite. Tri-Gênero. Trigênero	Pessoas que possuem senso de identificação com (e a expressão de) comportamentos regulados pelo gênero não associado tipicamente ao sexo anatômico identificado ao nascimento associado (ou não) a um desejo de se submeterem a Procedimentos de Readequação Sexual.

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Tomamos como data base para iniciar a busca, 2018, por ser marco importante na questão da despatologização da transexualidade e travestilidade iniciada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) que oficializou durante a 72ª. Assembleia Mundial da Saúde a retirada da transexualidade como transtorno mental da 11ª versão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas de Saúde (CID) (Almeida et al, 2020).

A transexualidade sai da categoria de transtornos mentais para integrar o de “condições relacionadas à saúde sexual” sendo classificada como “incongruência de gênero”. Também no mesmo ano, o Conselho Federal de Psicologia (CFP), publicou resolução que orienta a atuação profissional de psicólogas/os para que a travestilidade e transexualidade não seja considerada patologia. Tem o objetivo de impedir o uso de instrumentos ou técnicas psicológicas para criar, manter ou reforçar preconceitos, estigmas, estereótipos ou discriminação e veda a colaboração com eventos ou serviços que contribuam para o desenvolvimento de culturas institucionais discriminatórias (Conselho Federal de Psicologia, 2018).

Foram critérios de inclusão os estudos realizados no Brasil entre 2018 e 2021 sobre homens transexuais e masculinidades, mesmo que publicados em outros países e estudos publicados em base de dados abertas. A exclusão dos trabalhos se deu pela leitura dos resumos e observação do conteúdo. Como usamos os descritores pessoas transgênero e

masculinidade, apareceram vários estudos sobre a população LGBT, de modo geral, sobre mulheres transexuais e travestis. Alguns desses estudos abordavam vulnerabilidade, saúde de corpos trans, trabalhos sobre voz, bem-estar psicológico, HIV/Aids em mulheres transexuais e hormônios. No campo do direito, vários estudos sobre demanda judicial, alteração do registro civil e mudança de nome. Todos esses artigos, resenhas, teses e dissertações foram excluídos. Foram também excluídos os artigos de revisão. Para esta pesquisa interessou os estudos sobre transexualidade masculina.

Como resultado, no Portal de Periódicos da Capes 88 artigos e 02 resenhas, na Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações foram encontrados 12 estudos, na Biblioteca virtual de Saúde foram encontrados 09 resultados, mas apenas 02 (dois) em português e na BVS-Psi Brasil encontramos quatro resultados, sendo que dois são repetições (01 Capes, 01 BVS) e dois tratam de mulheres transexuais e travestis em Buenos Aires e homens trans e atividades físicas. Na Scielo não localizamos nenhum resultado quando usamos as palavras combinadas pessoas transgênero e masculinidades, mas usando apenas as palavras pessoas transgênero encontramos 77 resultados. Considerando a relevância desta biblioteca eletrônica que reúne artigos da área da saúde, mas também das ciências humanas e sociais, assim como também o nosso interesse por publicações brasileiras, originais e de acesso gratuito, optamos por fazer a pesquisa e tentar localizar entre esses 77 resultados, a partir da leitura cuidadosa dos resumos, aqueles que reuniam estudos sobre transmasculinidades. Encontramos apenas um resultado. O levantamento inicial, portanto, totalizou 192 estudos (Quadro 2) e após a retirada de textos repetidos e aplicação dos critérios de exclusão foram identificados 09 estudos.

Quadro 2 - Total de textos encontrados na revisão e selecionados em suas respectivas bases de dados.

Base de Dados	Número de textos encontrados	Número de textos selecionados
Portal de Periódicos da Capes	88 artigos e 02 resenhas	02
Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações	12	5
Biblioteca virtual de Saúde	09	02
BVS-Psicologia Brasil	04	Nenhum
SciELO	77	01
Total	192	10

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Para análise e posterior síntese dos estudos selecionados, foi utilizado um quadro contemplando os seguintes aspectos, considerados pertinentes: nome da pesquisa, nome dos autores, categoria temática predominante, objetivo do estudo e referência. A apresentação dos resultados e discussão dos dados obtidos foi feita de forma descritiva.

3. Resultados e Discussão

Foram analisados 10 textos que atenderam aos critérios de inclusão previamente estabelecidos e, a seguir, apresentamos um panorama geral dos trabalhos avaliados (Quadro 3).

Dentre os estudos incluídos na revisão, foram analisados 04 (quatro) artigos científicos, 01 (um) ensaio, 04 (quatro) dissertações de mestrado e 01 (uma) tese de doutorado. Para análise dos trabalhos selecionados, criamos um panorama onde usamos as seguintes categorias temáticas sobre pessoas transgênero e masculinidades encontradas: pensamento suicida; disforia de gênero; masculinidades performativas; performatividade; homo/transfobia e corpo abjeto; transgeneridade masculina; processo transexualizador e a luta pela despatologização; transexualidade e mídias sociais e, produção de masculinidades.

Essas categorias englobam as áreas de ciências da saúde, educação, estudos feministas, ciências humanas e sociais,

ciências sociais e aplicadas. Os estudos foram realizados por médicos psiquiatras, psicólogos e psicólogas, pedagogos, educadores sexuais, assistente social, graduados em Letras e estudos literários, graduados em ciências sociais e marketing e propaganda, evidenciando um amplo espectro de áreas interessadas em pesquisa sobre a população trans e mais, exatamente, na transexualidade masculina.

Dentre os artigos analisados, um artigo é do Jornal brasileiro de Psiquiatria, uma publicação do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na área de ciências da saúde, cujo objetivo é divulgar trabalhos de pesquisa científica no campo da psiquiatria e áreas afins. A pesquisa foi realizada em um ambulatório para atendimento a pessoas transgêneras no Distrito Federal (Corrêa et al, 2020).

Um segundo artigo é uma publicação da Revista Estudos Feministas (Henriques & Leite, 2019), uma publicação do Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, cujo objetivo é divulgar a produção de conhecimento no campo dos estudos feministas e de gênero, para dar subsídios aos debates teóricos nessa área, bem como instrumentos analíticos que possam contribuir às práticas dos movimentos de mulheres.

O terceiro artigo está publicado na revista ETD – Educação Temática Digital, do Portal de Periódicos Eletrônicos Científicos da Universidade Estadual de Campinas, uma publicação eletrônica multidisciplinar que se dedica à produção da comunidade científica nacional. O quarto e último artigo é uma publicação da revista História e Cultura, uma revista eletrônica semestral, editada por discentes do Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FCHS), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), com sede em Franca, São Paulo. A revista publica textos inéditos de autoria de doutores, mestres e pós-graduandos *stricto sensu*, redigidos em português, espanhol, francês e inglês (Couto Junior & Brito, 2018). A revista recebe contribuições em fluxo contínuo de artigos livres, entrevistas, resenhas e traduções. Analisamos também, um ensaio publicado na revista Dialogia, uma publicação científica de periodicidade de fluxo contínuo do Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) da Universidade Nove de Julho, instituição de ensino superior de São Paulo (Silva Junior; Silva; Silva, 2019). Tem como proposta debater e divulgar os temas relativos a práticas educacionais e ao pensamento pedagógico, especialmente os que resultam de pesquisas realizadas no âmbito dos programas de pós-graduação *stricto sensu*, nacionais e estrangeiros. Destina-se, sobretudo, a professores, pesquisadores, estudantes e todo público que se interessa direta ou indiretamente por questões educacionais.

Em relação às dissertações de mestrado, a primeira delas é da Universidade Estadual da Paraíba, do Centro de Ciências Sociais e Aplicadas, do curso de Serviço Social e analisa a transgeneridade masculina na novela A força do querer, a partir dos relatos de homens trans que acompanharam a novela (Santana, 2020). A segunda dissertação de mestrado analisada tem como categoria temática o processo transexualizador e a luta pela despatologização e trata-se de um mestrado profissionalizante em Educação Sexual; é da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, da Faculdade de Ciências e Letras, campus Araraquara (Souza, 2018). A terceira dissertação de mestrado que analisamos, tem como categoria temática a produção de masculinidade, a partir da análise da autobiografia de João Nery, realizada na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), no Centro Biomédico do Instituto de Medicina Social (IMS) (Silva Júnior, 2018). A quarta e última dissertação de mestrado que analisamos tem como categoria temática o Processo Transexualizador e a luta pela despatologização. A tese de doutorado analisada tem como categoria temática, transexualidades e mídias sociais, analisa a recepção da transexualidade nas mídias digitais, é da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, campus Marília. Observa-se, portanto, uma concentração dos estudos encontrados na revisão de literatura nas regiões sudeste e centro-oeste (Vieira Júnior, 2018).

Quadro 3 - Categorias temáticas identificadas nos artigos da revisão narrativa sobre pessoas transgênero e masculinidades.

N	Artigo/ensaio tese/dissertação	Categorias temáticas	Autor/a/es/Ano	Objetivo do estudo
01	Artigo: Pensamento suicida entre a população transgênero: um estudo epidemiológico	Pensamento suicida	Fábio Correia et al (2020)	Analisar a prevalência de pensamentos suicidas em pacientes de um ambulatório de transgêneros no Distrito Federal, bem como as variáveis associadas a esses eventos.
02	Artigo: A disforia de gênero como síndrome cultural norte-americana	Disforia de gênero	Rogério Henriques; Leite, André Santos, 2019	Refletir em que medida as categorias que se pretendem universais no DSM não refletiriam as peculiaridades da cultura norte-americana na delimitação de seus problemas locais.
03	Artigo: “Vocês conhecem algumx ‘heterossexual flexível?’”: Masculinidades performativas em debate”.	Masculinidades performativas	Couto Junior et al, 2018	Investigar como o processo de constituição das masculinidades como enunciações performativas auxilia na formulação de críticas à masculinidade normativa.
04	Artigo: Memória e (trans)gênero: sobre a autobiografia de Herculine Barbin	Performatividade	Marcelo Resende, 2018	Questionar, por meio da teoria da performatividade de Judith Butler, somada às teorias da memória de Bergson e Maurice Halbwachs, o quanto a memória coletiva influencia na modulação da subjetividade de si mesmo e da forma como nos relatamos enquanto sujeitos em narrativas autobiográficas ou confessionais.
05	Ensaio: Travestilidades no espaço socioeducativo: (des)patologização, monstrosidade, violência, abjeção e negação das identidades transgêneras	Homo/transfobia e corpo abjeto	Silva Junior et al, 2019	Fazer uma reflexão sobre as identidades trans no espaço socioeducativo
06	Dissertação de mestrado: A transgeneridade na telenovela “A força do querer”: uma análise dos relatos de homens trans.	Transgeneridade masculina	Glauco Santana, 2020	Analisar, a partir da perspectiva de um grupo de telespectadores trans homens, como a personagem Ivana/Ivan é construída na narrativa da trama.
07	Dissertação de mestrado: A construção discursiva do corpo do transhomem na perspectiva foucaultiana	Transgeneridade masculina	Silvanie Campos de Souza, 2018	Descrever relações discursivas que constroem o corpo do transhomem, tanto as relações imersas a verdades e saberes, quanto as permeadas por controle, disciplina e poder que se materializam nesses corpos.
08	Dissertação de mestrado: Uma viagem nem tão solitária: uma experiência de produção de masculinidade	Produção de masculinidade	Augusto Silva Junior, 2018	Analisar quais elementos são acionados pelos homens no processo de construção da masculinidade, tendo como objeto de análise a narrativa autobiográfica de João Nery, primeiro homem transexual a ter sua história publicizada no Brasil.
9	Dissertação de mestrado: O processo transexualizador: de uma identidade medicalizada à luta social pela despatologização	Processo transexualizador e a luta pela despatologização	Débora Araújo de Vasconcellos	Analisar a construção da transexualidade a partir da perspectiva dos sujeitos que vivenciam o Processo Transexualizador
10	Tese de doutorado: “Quantas curtidas merece essa trans?": a recepção da transexualidade nas mídias digitais	Transexualidades e mídias sociais	Luiz Vieira Júnior, 2018	Entender quais argumentos fundamentam os discursos deslegitimadores da transexualidade e aqueles legitimadores da experiência das pessoas trans.

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Em relação ao pensamento suicida entre a população transgênero, Correia; Rodrigues e Cruz (2018) destacam fatores intervenientes e variáveis que influenciam o desenvolvimento do comportamento suicida com uma correlação entre fatores de risco modificáveis e não-modificáveis. Segundo os autores, os resultados são compatíveis com a literatura internacional que trata de comportamento suicida e as variáveis que podem estar relacionadas a esse fato. Nesse sentido, parece-nos importante que o estudo tenha trabalhado com alguns marcadores sociais de classe, raça, sexo e sexualidade, principalmente pela

associação entre racismo/etnia e sofrimento psíquico.

O artigo aponta que questões sociodemográficas, de habitação e psiquiátricas compõem os fatores que influenciam o desenvolvimento do comportamento suicida em um estudo transversal e observacional a partir da revisão de prontuários dos pacientes atendidos no Ambulatório de Assistência Especializada às Pessoas Travestis e Transexuais (Ambulatório Transgênero) do Hospital Dia do Distrito Federal. Um dado que nos chama a atenção é que, segundo a pesquisa, 84% das pessoas entrevistadas apresentaram sofrimento relacionado ao corpo, o que poderia ser caracterizado como uma condição pessoal marcada pela identificação com o sexo oposto, um sentimento que muitas vezes está associado à ansiedade, depressão e grande insatisfação pessoal, muitas vezes conceituada como Disforia de Gênero. A disforia de gênero é definida como um diagnóstico que descreve as pessoas que apresentam uma diferença marcante entre o gênero experimentado/expresso e o gênero atribuído, portanto, alguém que não está compatível com o que é definido socialmente. É importante reafirmarmos que nem todas as pessoas trans sentem disforia de gênero e desconforto com seus corpos. Mesmo assim, o estudo não menciona e nem destaca a disforia de gênero como um fator importante a ser considerado na prevalência do pensamento suicida em pessoas transgênero, seja para reafirmar esse dado ou questioná-lo, o que poderia, por exemplo, indicar outros estudos de profundidade ou novas pesquisas voltadas para essa questão.

Ainda sobre uma perspectiva crítica da disforia de gênero, Paes e Santos (2019) destacam a tendência expansionista da American Psychiatric Association (APA) em arregimentar as experiências de trânsito de gênero que escapam à matriz de inteligibilidade centrada em torno do masculino/feminino. Para os autores, o diagnóstico de disforia de gênero proposto pela quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM-5), é proposto como uma síndrome cultural norte-americana, evidenciada na APA. Segundo os estudiosos, essa hierarquização entre os países do norte/sul e ocidente/oriente e seus produtos – colonialismo, orientalismo, imperialismos, etnocentrismo, etc, não é de agora, sendo objeto de diversas críticas apontadas por estudos pós-coloniais, pós-estruturalistas e tantos outros. A pesquisa investiga o quanto a psiquiatria norte-americana é atravessada por referenciais hierarquizantes e funciona produzindo uma série de práticas que amplia a esfera da influência geopolítica dos EUA para outros tantos países. É um artigo que questiona essa prática de universalização, especialmente, o conjunto de práticas da influência geopolítica dos Estados Unidos sobre o que os autores chamam de “o resto do mundo”. O estudo aponta como uma importante originalidade o fato do DSM-5 reconhecer outras modalidades alternativas de gênero para além da gramática normativa homem/mulher, uma vez que a edição anterior se atinha a essa oposição binária de gênero.

Couto Júnior e Brito (2018) investigam como o processo de constituição das masculinidades como enunciação performativa auxilia na formulação de críticas à masculinidade normativa através de uma pesquisa on-line. Analisaram conversas no Facebook – considerada uma grande rede social, com dois bilhões de usuários ativos, onde é possível criar um perfil pessoal ou uma página e interagir com pessoas conectadas no site, por troca de mensagens, compartilhamento de conteúdo e “curtidas”. Os autores usam o conceito de performatividade de Butler (2012) e a Teoria Queer para analisar a produção de narrativas nas conversas com um grupo de jovens no Facebook, que não se identificavam com a heterossexualidade e usavam a referida rede para repensar corpos, gêneros e sexualidades para além dos modelos normativos binários. A pesquisa faz um importante questionamento sobre os limites e as fragilidades das masculinidades normativas, diante da compreensão do gênero como performativo. Cabe a observação que o estudo não incluiu pessoas trans*, embora tenha trabalhado com rede social e masculinidades, com foco na orientação sexual e binarismo e tenha dialogado com a teoria *queer* e com o conceito de performatividade segundo Butler (2012).

Ainda sobre a construção social da masculinidade, Silva Júnior (2018), buscou analisar quais elementos são acionados pelos homens nesse processo. Nesse estudo, a masculinidade é entendida como uma categoria múltipla e dinâmica, como um

constructo cultural moldado por meio da interação dos indivíduos. Como estratégia metodológica trabalhou como exemplo de masculinidade a experiência da transexualidade masculina. Em sua análise, usou a biografia de João Nery, considerado o primeiro homem transexual a ter sua história tornada pública no Brasil. O estudo conclui que as estratégias subjetivas mobilizadas por João Nery para ser aceito como homem pela sociedade, em nada difere dos mecanismos acionados por homens não transexuais, de modo que a única explicação para o não reconhecimento da identidade desses indivíduos seria o discurso essencialista que organiza a verdade acerca do gênero na sociedade. Discurso esse que tem como principal base de argumentativa o debate em termos de uma natureza intrínseca do sexo biológico, responsável por promover uma visão binária dos gêneros.

Também em relação à performatividade, Resende (2018) questiona, por meio da teoria da performatividade de Judith Butler, junto às teorias da memória de Bergson e Maurice Halbwachs, a influência da memória coletiva na modulação da subjetividade de si mesmo e da forma com que sujeitos em narrativas autobiográficas ou confessionais são relatados. Resende pesquisou Herculine Barbin, uma das primeiras pessoas designadas intersexo/transgênero da qual se tem conhecimento. Publicado em uma revista de história, o texto é descritivo e remete a autores que trabalharam com historiografia de publicações de pessoas transgênero. Faz uma breve relação entre a biografia de Herculine Barbin e Orlando, de Virginia Woolf e, segundo o autor e com base em Judith Butler, Foucault recusava-se a tratar a fluidez de sexo de Barbin de modo pessoal ou de forma que pudesse trazer algum tipo de associação consigo mesmo e entrando em contradição com sua própria teoria da sexualidade, visto a necessidade de dar uma classificação sexual e de gênero para Herculine, numa recusa de aceitar a possibilidade de existência de uma não-categoria sexual. Resende acredita que é a mesma relação entre autor e sujeito fictício entre Woolf e Orlando, de modo que sua personagem seria a sua expressão de não-conformidade ao gênero feminino, sendo-lhe impossível transcender fisicamente a sua condição dada as normas sociais que lhe submetiam a performar em conformidade às nuances atribuídas ao gênero feminino.

Silva Júnior et al., (2019) realizaram uma pesquisa empírica sobre travestilidade realizada em uma unidade masculina de privação de liberdade no Departamento Geral de Ações Socioeducativas (DEGASE/RJ) para compreender como travestis ou transexuais circulam em espaços cuja homo/transfobia é divulgado ao grau máximo. Os autores partem da metáfora do corpo monstro, abjeto, para analisar como a socio-educação opera no sentido de não desbaratar os engessamentos de gênero e os estereótipos de masculinidade vigentes entre adolescentes acautelados. Os autores sinalizam que práticas discursivas referenciadas pela cisheteronormatividade determinam ao sujeito uma única forma de construção da masculinidade que são explícita e implicitamente impostas.

Santana (2020) em sua pesquisa, analisou os depoimentos de um grupo de homens transgêneros sobre a abordagem da temática da transgeneridade masculina na telenovela 'A força do querer', produzida pela Rede Globo de televisão, exibida entre abril e outubro de 2017. Ela analisou como um grupo de telespectadores formado por 04 (quatro) homens trans, com idade entre 23 e 29 anos compreendem como a personagem Ivan/Ivana é construída na narrativa da trama. A pesquisa foi realizada na cidade de Campina Grande/PB, considerada um dos principais polos industriais da região Nordeste. Santana trabalhou com análise de conteúdo em Bardin (2009) e usou os conceitos de performatividade de Butler (2012). Os interlocutores falaram sobre preconceito, conflitos familiares da personagem e a aproximação com suas próprias vidas, mudanças físicas com a hormonização, homossexualidade do homem trans e a importância de se discutir o tema numa telenovela de ampla audiência.

Vasconcellos (2018) analisou a construção da sexualidade a partir da perspectiva dos sujeitos que vivenciam o Processo Transexualizador, analisou sua pesquisa de campo no Espaço de Cuidado e Acolhimento Trans do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). É um estudo que questiona a medicalização identitária à construção

de uma identidade política e observa a despatologização como uma potencialidade para novas leituras da identidade transexual e do atendimento médico. Considera a portaria que institucionaliza o serviço de saúde especializada à população trans no Brasil, como um ponto de partida para analisar como a transexualidade é vivenciada e como os sujeitos significam suas identidades através do processo transexualizador.

Como sabemos, o Processo Transexualizador é a nomenclatura adotada no Brasil para definir o atendimento especializado à população trans* que visa o acesso às transformações corporais para a construção de suas identidades de gênero (Vasconcellos, 2018, p. 13). Nas entrevistas, Vasconcellos abordou questões sobre identidade de gênero, medicalização das vivências cotidianas e autopercepção dos usuários sobre o Espaço Trans. Como referencial teórico, a autora trabalhou com o conceito de gênero na perspectiva *queer* de Judith Butler, a nomeação da transexualidade como ato performativo, em John Austin e Butler e, Foucault para a medicalização do gênero e da sexualidade. É uma dissertação que se posiciona contra a medicalização dos corpos e a patologização da transexualidade. O acesso de pessoas trans* aos serviços de saúde é permeado por uma concepção patologizante, ainda que contestada pelos movimentos sociais e por organizações nacionais e internacionais (Mota et al., 2022).

Souza (2018) trabalhou para compreender os discursos sobre expressões, corpo, subjetividades, materialidades dos enunciados de gênero, especificamente aqueles relacionados às identidades de homens trans. Seu estudo teve como objetivo descrever relações discursivas que constroem o corpo do homem trans. Na perspectiva teórica, Souza utilizou-se da Análise do Discurso (AD) francesa com ênfase na teoria de Michel Foucault. Destaca a questão da patologização da identidade transgênera, descrevendo como esse ponto se articula e se reproduz na vivência de homens trans. É uma pesquisa realizada na cidade de Belém e região metropolitana do Pará, pela familiaridade da pesquisadora com a região, nos moldes da pesquisa de campo, de natureza qualitativa, onde foram usados um questionário socioeconômico e um roteiro de entrevista semiestruturada.

Foram entrevistados 04 (quatro) transhomens com idade entre 18 e 40 anos. No estudo, os resultados evidenciam um processo de formação da identidade de transhomens baseados em discursos diversos, com destaque para os enunciados das ciências médicas, que legitimam a vivência da transexualidade dentro do aspecto patológico. Esse é um estudo posicionado contra a patologização da transexualidade. Aborda as relações de disciplinamento dos corpos, as produções de “verdades” (aspas da autora), para entender o processo de movimento, produção, significação, identificação e materialização que produzem, formas de subjetivação, influenciadas por pensamentos de um dado histórico.

Vieira Junior (2018) trabalhou com mídias digitais a partir de uma investigação antropológica imersiva oculta em ambientes on-line e utilizando-se dos estudos de recepção, buscou compreender a receptividade da transexualidade. Procurou entender quais argumentos têm fundamentado os discursos deslegitimadores da transexualidade e aqueles legitimadores da experiência das pessoas trans*. A pesquisa analisou os discursos sobre transexualidade a partir de comentários feitos por leitoras e leitores do Portal Globo.com (um portal da web pertencente à Globo) – publicações em suas diversas versões digitais e de grupos compostos por pessoas que se identificam ou não com transexuais alojados na rede social Facebook: Transgente e Hetero/Orgulho (H/O). A pesquisa incluiu falas de figuras expressivas circulantes na internet que ao falar de identidade e ideologia de gênero se mostram tanto articuladas ou não com o discurso das transexuais, incluindo as biografias de pessoas trans* famosas ou que tiveram por algum motivo uma relevância no cenário midiático. A questão central da pesquisa consiste em compreender como vem se dando a recepção da transexualidade nas mídias digitais. A maior visibilidade da transexualidade nos meios digitais revelou, sobretudo, segundo o estudo, conservadorismos e a predominância de discurso deslegitimador que tem como base a misoginia e a demonização de gênero, assim como visualizou mudanças nas redes on-line da inclusão e humanizada das pessoas trans*.

4. Considerações Finais

Os estudos analisados passeiam por uma diversidade de áreas e categorias distintas, tendo como fio condutor a pesquisa sobre pessoas trans* com enfoque na transgeneridade masculina. Entendemos ser relevante que o tema esteja inserido nas mais diversas áreas de pesquisa, passando pela saúde, educação, comunicação e ciências humanas e aplicadas, o que demonstra a importância e atualidade dos estudos sobre identidade de gênero. Como sugerido nas pesquisas analisadas, as categorias estudadas demonstram a suscetibilidade da população trans* ao sofrimento psíquico, considerando as normas de regulação de gênero e os preconceitos e discriminações vivenciadas por essa população, que se reflete no desenvolvimento de comportamentos suicidas e uma correlação entre fatores de risco modificáveis e não-modificáveis. O importante estudo de Couto Júnior e Brito (2018) analisou narrativas em conversas entre jovens que não se identificavam como heterossexuais e que na rede social debatiam corporalidades, gênero e sexualidades para além dos binarismos. Sugerimos estudos futuros onde sejam incluídas pessoas trans* e masculinidades com foco na orientação sexual e binarismos. Concluímos também, que a disforia de gênero merece uma atenção como uma categoria importante para a realização de novos estudos de profundidade e pesquisas voltadas para essa questão, considerando tratar-se, portanto, de um transtorno de identidade dada a não-conformidade entre o sexo biológico e o gênero, seja para reafirmar esse dado ou questioná-lo. Sugerimos, por fim, a necessidade de novos estudos sobre transmasculinidades em espaços de privação de liberdade, considerando a vulnerabilidade da população trans*, exposta à violência dentro do sistema carcerário e a consequente violação de direitos, agravada pela limitação entre o gênero masculino e feminino nos presídios, além da necessidade de uma legislação específica sobre essa questão.

Agradecimentos

Agradecimentos ao CNPq e a CAPES pelo auxílio no Programa de pós-graduação em psicologia clínica.

Referências

- Almeida, G. (2012). 'Homens Trans': novos matizes na aquarela das masculinidades? Dossiê Vivências trans: desafios, dissidências e conformações. *Revista Estudos Feministas*, 20 (2) <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200012>
- Almeida, G. (2018). Identidade de gênero com ênfase nas pessoas trans: particularidades e acesso à saúde, trabalho e educação. In: *Hasteemos a bandeira colorida. Diversidade sexual e de gênero no Brasil*. Leonardo Nogueira, Erivan Hilário, Thaís Terezinha Paes, Kátia Marro (Orgs.). Expressão Popular.
- Almeida, M. S. C., Sousa-Filho L. F., Rabelo, P. M., & Santiago, B. M. (2020). Classificação Internacional das Doenças. 11ª revisão: da concepção à implementação. *Revista Saúde Pública*, 54:104.
- Bagagli, B. P. (2018). "Cisgênero" nos discursos feministas: uma palavra "tão defendida, tão atacada, tão pouco entendida". Campinas: Unicamp/IEL/Setor de Publicações. https://www.iel.unicamp.br/arquivos/publicacao/Cisgenero-nos_discursos_feministas_uma_palavra_tao_defendida_tao_atacada_tao_pouco_entendida.pdf Acesso em 29/05/2022
- Butler, J. (2012). *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. (4a ed.). Civilização Brasileira.
- Corrêa, F. H. M. et al. (2020). Pensamento suicida entre a população transgênero: um estudo epidemiológico. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria [online]*, 69(1), 13-22. <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000256> <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000256>
- Conselho Federal de Psicologia. (2018). Resolução nº 01/2018. Brasília. <https://bit.ly/2PVFUVW>.
- Couto Junior, D. R., Brito, L.T. de. (2018) "Vocês conhecem algumx 'heterossexual flexível'?: masculinidades performativas em debate. *ETD - Educação Temática Digital*, 20(1), 81-97. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8647597> Acesso em: 13 mar. 2022.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. (6a ed.). Atlas.
- Henriques, R. da S. P., & Leite, A. F. dos S. (2019). A disforia de gênero como síndrome cultural norte-americana. *Revista Estudos Feministas*, 27 (Rev. Estud. Fem., 201927 (3)), e 5662. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n356662>
- Jesus, J. G. de & Alves, H. (2012). Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais. *Revista Cronos*, 11(2).

Jesus, J. G. de (2012). Orientações sobre Identidade de Gênero: Conceitos e Termos. Guia Técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros para formadores de opinião. Brasília.

Junior, A. da S. (2018). Uma viagem nem tão solitária: uma experiência de produção de masculinidade. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Ciências da Saúde e Coletiva. Centro Biomédico: Instituto de Medicina Social. <https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/4432/1/Dissertacao%20Junior%20da%20Silva%20ate%20cap%201.pdf>

Mota, M., Santana, A. D. da S., Silva, L. R. e., Melo, L. P. de. (2022). "Clara, esta sou eu!" Nome, acesso à saúde e sofrimento social entre pessoas transgênero. Interface – Comunicação, Saúde, Educação [online]. 26, e210017. <https://doi.org/10.1590/interface.210017>

Nascimento, L. C. P. do. (2021). Transfeminismo. Feminismos Plurais. Jandaíra.

Resende, M. B. (2018). Memória e (trans) gênero: sobre a autobiografia de Herculine Barbin. In Dossiê História e gênero: representações e simbolismos. 7(1), 204-220. Unesp, SP. <https://ojs.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/issue/view/128>

Santana, G. de S. (2020) A transgeneridade na novela 'A força do Querer': uma análise dos relatos de homens trans. Dissertação de Mestrado. Serviço Social. Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais e Aplicadas. <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/tede/3769/2/DISS%20-%20Glaucy%20de%20Sousa%20Santana.pdf>

Silva Junior, J. A. da, Silva, M. de L. S., & Silva, L. (2019). "Travestilidades No Espaço Socioeducativo: (des) patologização, Monstruosidade, Violência, Abjeção e Negação das Identidades Transgêneras." *Dialogia*, 32: 93-107. <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/13641>

Souza, S. C. De (2018). A construção discursiva do corpo do transhomem na perspectiva foucaultiana.[Dissertação de Mestrado]. Universidade Estadual Paulista, UNESP. Faculdade de Ciências e Letras (FCLAR). <http://hdl.handle.net/11449/158260>

Vasconcellos, D. A. de. (2018). O Processo Transexualizador: de uma identidade medicalizada à luta social pela despatologização. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFPE.Recife, PE.

Vieira Júnior, L. A. M. (2018). "Quantas curtidas merece essa trans?": a recepção da transexualidade nas mídias digitais. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Faculdade de Filosofia e Ciências. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Campus de Marília. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/180373>

Vosgerau, D. S. A. R., & Romanowski, J. P. (2014). Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. *Revista diálogo educacional*, 14(41), 165-189.

Wells, R. H. C., Bay-Nielsen, H., Braun, R., et al. (2020). CID-11: classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde.

World Health Organization. (2019). ICD-11 for mortality and morbidity statistics. April. Geneva: WHO, 2019 <https://icd.who.int/browse11/1-m/en>